

Paisagem, turismo e planejamento urbano

Bruno Luiz Domingos De Angelis^{1*} e Generoso De Angelis Neto²

¹Departamento de Agronomia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.

²Departamento de Engenharia Civil, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil. *Author for correspondence.

RESUMO. O presente artigo aborda a relação entre paisagem - a urbana (modificada pela ação do homem) e a natural (preservada) -, turismo e o papel do planejamento urbano nesse contexto. A partir do descobrimento do Brasil, procura-se demonstrar a importância de nossa vegetação na exploração do segmento econômico-turístico e a necessidade de uma política compatível para o setor.

Palavras-chave: turismo, paisagem, paisagismo, planejamento urbano, urbanização.

ABSTRACT. Landscape, tourism and city planning. This study deals with the relation between urban (modified by human action) and natural (preserved) landscape, tourism and the role of city planning in this context. Since the discovery of Brasil, vegetation in economic and touristic exploration and the necessity of a compatible policy have been considered of great relevance.

Key words: tourism, landscape, city planning, urbanization.

A História da humanidade é pautada, desde seu início, por uma relação íntima homem-natureza. A transposição do tempo, via avanço tecnológico, afastou o homem de sua vocação original, colocando-o em contato com uma realidade que, mais tarde, mostrou-se questionável - Revolução Industrial - do ponto de vista da qualidade ambiental. É nesse contexto que se resgata a importância do *verde* para sua vida. Inicialmente, como elemento decorativo e de melhoria ambiental; e, posteriormente, como instrumento capaz de catalisar interesse e atenção de viajantes (turistas). Trabalhada adequadamente e, sobretudo, em seu estado natural, a vegetação tem papel de destaque no desenvolvimento do turismo junto aos países de clima tropical. Esse potencial em nosso país é inexplorado ou, quando o é, de forma incorreta, pois enfatiza-se o macro em detrimento do pontual; das peculiaridades de cada cidade ou região.

Paisagem: homem e história

A Europa dos séculos XV e XVI partia em busca de novas terras. Espanhóis, portugueses, holandeses, franceses e ingleses singravam mares, ávidos por descobertas que lhes trouxessem riqueza, fama, fortuna e poder.

O espírito aventureiro dessas nações propiciou a expansão européia ultramarina. Tanto é assim que

terras nas Américas foram descobertas por Colombo, Bastidas, Cabral, Pizarro, Almagro e outros.

Aportando no Brasil em 1500, Cabral, ao descobrir paragens além-mar, alardeou e propagandeou a exótica beleza da nova terra com visão exaltada.

É assim que vemos no primeiro relato do escrivão-mor, Pero Vaz de Caminha, ao Rei de Portugal, D. Manuel, o Venturoso:

Esta terra, Senhor,... De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa... a terra em si é de muitos bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho... E a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo. (Arroyo, 1971:63).

Aliado ao caráter de exploração e conquista, os lusitanos constituíram-se nos primeiros *turistas acidentais* de que a história tem registro em solo brasileiro. Embora não fosse tal o objetivo, há, de uma forma intrínseca e inconsciente, o propósito de conhecer o novo e inusitado com *olhos de estranhos em lugar estranho*.

Desembarcando em Porto Seguro, Bahia, os portugueses deram vista à paisagem tropical a dominar o horizonte sem fim. Era o início de uma aventura por lugares nunca antes explorados, daí porque a tenacidade com a qual se embrenharam

Brasil adentro. Levados pela emoção da descoberta e contaminados pela ânsia de desbravar, o espírito norteador era um só: sobrepujar o desconhecido, dominar o medo e *rasgar o véu* - não do tempo - mas da densa floresta, e estabelecer-se no novo mundo.

A terra nova, num misto de magia e sedução, assediava, com a luxúria da mata, os insones e extasiados descobridores.

Sem dúvida, foram determinantes as condições da paisagem local para que o empreendimento português tivesse êxito. Fosse a costa brasileira um inóspito deserto, certamente tal descoberta teria outros desdobramentos e não despertaria o interesse e cobiça de franceses, holandeses e espanhóis que aqui também aportaram.

É dessa forma que a paisagem natural constitui-se, desde os primórdios do descobrimento, no nosso maior e mais promissor agente de atração.

A paisagem do trópico brasileiro despertou e desperta o interesse de estudiosos e curiosos, turistas e aventureiros, povoando o imaginário de cada um com cenários e paisagens dignas de um mundo irreal.

No entendimento de Yázigi (1995:113),

O Brasil com seus oito milhões de quilômetros quadrados; seus milhares e milhares de quilômetros lineares de praias marítimas e fluviais; seus exuberantes ecossistemas do Pantanal e da Amazônia, sem falar nos dias ensolarados/ano, teria seguramente, neste rol, seu principal contraponto de disputa no mercado internacional de turismo.

É esta paisagem ímpar, com vegetação diversificada que vai dos Campos dos Pampas, passando pelo Cerrado no Planalto Central e desembocando na Floresta Amazônica, que contrasta com o elemento construtivo, artificial, não natural de outros rincões mundo afora, que tanto apaixona e atrai o turista.

Se de um lado obras centenárias, como a neogótica Catedral de Votivkirche (Viena), ou o gótico Palácio dos Doges (Veneza), ou o renascentista Palácio das Tulherias (Paris), ou o projeto barroco de Bernini para a fachada leste do Louvre (Paris), ou ainda o classicismo de Versalhes (Paris) são monumentos a deleitar e a sensibilizar o espírito humano, não menos tocante o é a vegetação dos trópicos.

Formada por uma arquitetura que envolve plástica, massa, volume, forma, cor, textura e porte, os espécimes vegetais, isolados ou associados, são atrativos singulares de uma obra talhada não pelo homem, mas pela natureza. É essa a característica a se contrapor às formas criadas pelo humano; é esse o *veio de ouro* a ser explorado no concorrido universo do turismo. Aí está a *matéria prima*, oferecida

gratuitamente, compondo o cenário de um espetáculo sem fim - se preservada.

A paisagem natural há tempos desperta a atenção dos homens, constituindo-se, hoje, em forte apelo dentro do mercado turístico. É assim que os mares ao sul do Pacífico encantam pela vegetação exuberante e exótica; ou ainda a costa do Havaí e ilhas adjacentes com suas paradisíacas praias emolduradas por coqueirais, atraindo um sem número de turistas anualmente.

Esta paixão despertada pela vegetação enquanto apelo ao visitante - ou turista - tem sua origem em cenários não menos memoráveis como os de hoje, embora em tempos longínquos, turismo sequer era pensado enquanto atividade econômica.

Nesse contexto do estudo da vegetação vamos encontrar registros dos monumentais "Jardins Suspensos da Babilônia (3.500 a.C.), cuja edificação ocupava área equivalente a um hectare, atingindo a altura de cento e dez metros" (Laurie, 1983:30). Certamente tal obra de arte, que mesclava elementos construídos com vegetais, era um ponto de convergência dos habitantes da região.

A vegetação, organizada e disposta criteriosamente pelo homem, permitiu a criação de verdadeiros *monumentos vivos*. Podemos citar, a título de ilustração, os jardins da Pérsia antiga (500 a.C.), denominados de *Paraísos Fechados* ou *Jardins Perfumados*. Temos ainda os Jardins Mouriscos (700 d.C.), conhecidos como *Jardins da Sensibilidade*, posto que objetivavam o encantamento e a sedução, numa associação que mesclava água, cor e perfume. Também digno de nota vamos encontrar os jardins renascentistas italianos e franceses, tendo no Jardim de Versalhes seu representante maior. Esses jardins primavam pelo ordenamento do elemento vegetal, constituindo-se no principal foco de atração dentro das respectivas paisagens trabalhadas. Eles ilustram a excepcionalidade intrínseca da vegetação no que diz respeito a seu potencial de exercer um certo fascínio, compondo, na mente do espectador, um universo onírico, e até de afastamento momentâneo de seu mundo real.

Para Segawa (1996:25), "a paisagem é a consciência humana diante de um ambiente, produto de seu potencial imaginativo e criador, uma contemplação visual formulando significados e novas imagens."

É este mundo de sonhos, criatividade, fantasia, imaginação e sensibilidade que deve ser trabalhado no intuito de se atrair o turista que está a procura do natural, da paisagem intocada, e caracterizada por algo que lhe seja inusitado. O emocional é o ponto a ser atingido na conquista ao turista, expondo as belezas da vegetação, seu frágil equilíbrio com o homem e o mundo por ele criado. A beleza cênica,

via vegetação, quando elaborada, ou mesmo em seu estado natural, cria no indivíduo um momento de magia e êxtase, que o levará a registrar, não somente através de uma câmara fotográfica, mas sobretudo a registrar na memória, a emoção do momento.

Calcagno (1983:12), coloca muito bem a questão da emoção associada à paisagem, ao afirmar:

É sobretudo a beleza dos espetáculos naturais, das paisagens, que em cada época e em cada civilização, suscitando no homem emoções profundas, estimulou neles a necessidade de recriar em versos, em prosa, na pintura e na própria natureza, a suprema beleza dos quadros naturais, o desejo de plasmar novos espaços concatenados e conexos ao ambiente natural em uma multiplicidade de novas imagens para inserir na imensidão do universo.

Chega a ser simplista o entendimento da importância da vegetação no contexto, se partirmos do pressuposto de que o homem tem no contato íntimo com a natureza sua primeira morada. Assim foi com os primitivos que habitaram e povoaram a Terra; assim o é hoje, seja pelo fato de encontrarmos no *verde* motivação para lazer, reflexão, entretenimento ou melhora da qualidade ambiental.

Historicamente podemos dizer que foi com o advento da Revolução Industrial que houve uma radical mudança na relação homem-natureza, através da criação de parques públicos.

Se de um lado essas áreas verdes foram implantadas com objetivos higiênico-sociais e estético-recreativos, por outro lado vamos encontrar a mola propulsora que fundamentará a *exploração do verde* versus turismo.

Esta visão, que transcende o *verde* enquanto qualidade ambiental, encontra respaldo em exemplos mundialmente conhecidos, nos quais a vegetação e seu entorno comportam-se como objeto de atração. A saber: *Central Park* (Nova York); *Schlosspark Glienicke* (Berlim); *Bois de Boulogne* (Paris); *Hyde Park* (Londres); *Franklin Park* (Boston), entre tantos outros.

Observa-se que estas áreas caracterizam-se pela predominância da vegetação em detrimento do construído. Aqui não se verifica a presença de obras arquitetônicas de vulto que desvie o foco de atração do visitante ou do turista.

Não se pode querer comparar as áreas acima citadas com obras construídas como a *Piazza de São Pedro* em Roma, ou a *Place de la Concorde* em Paris, ou o Escorial nas cercanias de Madri, ou ainda o Taj Mahal próximo a Agra. Tal se justifica pelo simples fato de serem estruturas totalmente diversas e incomparáveis. Cada qual, segundo suas características, apresentam atrativos, beleza e luz própria.

Podemos encontrar ainda um meio termo associativo entre o *verde* e o construído, como bem ilustram as famosas *Villas* romanas (Borghese, Torlonia, Doria Pamphili, Albiani) e o Alhambra de Granada, onde construção e vegetação confundem-se num todo coerente.

Brasil: paisagem e turismo

O Estado do Paraná apresentava-se no início do século com cerca de 98% de suas terras vegetadas por mata nativa. Hoje, 1998, tem-se, em média, uma cobertura vegetal da ordem de 3%, sendo o Estado que mais degrada remanescentes da Mata Atlântica.

Os adensados florestais salpicados pelo Estado, que ainda insistem em sobreviver, assemelham-se a ilhas, só que envolvidos por campos de soja, trigo, feijão e cana, compondo um cenário ao mesmo tempo monótono e triste. O interior do Estado, mais precisamente a região Noroeste, ostenta, nas suas intermináveis pastagens, tocos queimados de antes gigantescas perobas, que ainda resistem ao tempo a espera do próprio para se tornarem apenas cinzas. Enquanto tal não ocorre, vislumbram-se, em grandes extensões, pontos negros a pôr a nu a ação nefanda do homem.

Neste cenário pensou-se em desenvolver o turismo; e o que primeiro veio em mente foi o turismo rural. Porém, deu-se conta de que teríamos pouco a mostrar: ao invés de culturas e pastoreio harmonicamente integrados à natureza, teríamos a oferecer um solo chagado pelas erosões que avançam.

Perdemos as florestas interiores; estamos perdendo paulatinamente nosso solo. Com o tempo, haveremos de perder também nossa produtividade agrícola. E mais: estamos perdendo nossos vínculos e nossas raízes com a terra; nossa identidade com a natureza, e identificação com nosso espaço de origem. Este é apenas um exemplo que tanto poderia estar ocorrendo em Rondônia, no Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais,...

Nossa cultura brasilianista não despertou do *berço esplêndido*, embalados que somos por uma cantiga cujo refrão deva ser: destruir, destruir, destruir.

Preservar! Este deveria ser o verbo mais conjugado no Brasil, para que um dia não venhamos a repetir a Inglaterra do ano de 1200, quando a madeira originava o carvão, que movia a economia, cuja Ilha já não tinha uma única árvore em pé em todo seu território.

Somos um país de contradições! Temos paisagens e conjuntos cênicos naturais únicos em todo o mundo. Possuímos condições climáticas a permitir o fluxo contínuo de pessoas durante todos os dias do ano, em todos os quadrantes do país. Em

nosso território dispomos de uma das mais ricas floras do planeta, singular pela diversidade, e única em certos ecossistemas. Estas características, por si só, bastariam como argumentação a alavancar o desenvolvimento do turismo com base em nossa luxuriante vegetação.

Queremos o turista como que num passe de mágica, mas nos esquecemos de que nos falta infra-estrutura básica e de apoio necessária ao correto desenvolvimento do turismo. Mesmo o que nos tem sido dado gratuitamente pela natureza estamos pondo a perder, como é o caso do Cerrado e da Mata Atlântica que, segundo a *Conservation International* (CI)¹, em seu relatório anual divulgado em fevereiro de 1998, estão na lista dos *hot spots* da ecologia mundial.

Ainda segundo a CI, a Mata Atlântica, que cobria 1 milhão de quilômetros quadrados (mais de 10% do atual território brasileiro) quando os portugueses chegaram, em 1500, está reduzida hoje a menos de 5% de seu tamanho original. A Mata, que sobrevive hoje principalmente nas encostas da Serra do Mar, detém o recorde mundial de espécies de árvores por hectare de selva - 476. Em comparação, um bosque da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, abriga não mais que uma dúzia de espécies de árvores por hectare. Quanto ao Cerrado, restam hoje apenas 5% da cobertura vegetal original de um ecossistema que ocupava todo o espaço do planalto central brasileiro.

Se já não somos capazes de ao menos manter cenários como os citados, cujas características constituem-se em forte apelo chamativo, o que vamos então oferecer ao turista que vem à *tropicaliente* nação? Talvez possamos mostrar, como efetivamente já vem ocorrendo, as favelas nos morros carioca - cenário patético e deplorável a despertar nos outros comiseração, e a escancarar ao mundo as portas da miserabilidade nacional; deprimente espetáculo.

Por uma questão de cultura - ausência de - estamos depredando parte considerável de nosso patrimônio natural, conseqüência direta e imediata de um vazio ou ausência de políticas governamentais para o setor, em que se discipline áreas específicas para fins de exploração turística. Aliado a isso, constata-se a falta de conscientização, seja da população residente no entorno do objeto de atração, como dos próprios visitantes, acerca dos benefícios auferidos com a indústria do turismo.

Assim posto, deveria ser óbvio o entendimento de que preservar o ambiente natural local, seus atrativos e o que ele tem a oferecer de diferente, fosse condição primeira para o sucesso de qualquer

empreendimento que se queira qualificar como turístico.

Já dizia a música: “Moro, num país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza...”.

De fato, somos privilegiados - *abençoados* - no tocante à existência de recursos naturais - com potencial turístico - espalhados em profusão no vasto território brasileiro. Senão, vejamos: possuímos a maior floresta tropical do mundo (Amazônica); a mais rica floresta em termos de diferentes espécies vegetais (Mata Atlântica); e um dos três maiores e mais ricos criadouros naturais do globo (Pantanal). Apesar disso, representamos uma ínfima parcela na economia mundial do mercado turístico, que, por ano, movimenta algo em torno de 3,4 trilhões de dólares, empregando cerca de 212 milhões de pessoas (Lemos, 1996).

Isso significa que não basta ter toda esta beleza - *cantada em verso e prosa* - a dominar a paisagem brasileira; ela, por si só, não se divulga e, conseqüentemente, não há o fluxo turístico. O refrão da música acima é letra morta ou, no máximo, bálsamo para alma e ritmo para os pés.

Ações concretas precisam ser implementadas pelo poder público, em associação com a iniciativa privada, no intuito de aumentar nossa participação junto ao mercado internacional de turismo.

Estas ações deveriam:

- Incentivar o turismo através de nossas belezas naturais, tendo em vista as particularidades, muitas vezes únicas, de cada paisagem e/ou ecossistema;
- Propiciar infra-estrutura básica ao estabelecimento e desenvolvimento da indústria turística;
- Desenvolver no país uma cultura (educação/conscientização) que prime pelo respeito ao turista, entendendo-o como potencial gerador de divisas.

Planejamento urbano: paisagismo e turismo

Nos séculos passados, a paisagem era considerada essencialmente segundo critério da arte e da estética, ou seja, como sendo parte do território que se alcança com a visão a partir de um determinado ponto, e que suscita, a quem a contempla, particulares impressões e emoções, e que se distingue por particulares características - sobretudo a beleza. Desta tradição deriva o significado atribuído ao termo paisagística [a arte do paisagista - aquele que se dedica ao paisagismo - estudo dos processos de preparação e realização da paisagem], com a qual se entende a arte dos parques e dos jardins... Ainda hoje o termo paisagismo é subvalorizado, porque superficialmente considerado sinônimo de esteticismo e evasão, ignorando

¹ Organização ambiental global sediada em Washington que mantém programas em 25 países, a maioria nos trópicos.

que a beleza pode ser considerada também de um ponto de vista prático. (Fidio, 1990:1).

Esta introdução nos remete ao passado no qual, até por volta de 1800, a preocupação com a paisagem das cidades praticamente não existia ou, se existia, era em termos muito vagos e modestos.

Enquanto os proprietários de alguns palácios podiam usufruir largamente dos seus jardins, a maior parte da população era privada. O problema higiênico-ambiental não era tão sentido como o é hoje, mesmo porque as cidades eram de extensão limitada e com baixa densidade populacional, o que permitia um rápido acesso à zona rural circundante e próxima.

O século passado trouxe à tona, entre outras questões, a das zonas verdes públicas, motivada por razões sociais, higiênicas e estéticas.

“Por várias décadas, os jardins públicos defronte aos edifícios das metrópoles, os parques ingleses implantados na periferia urbana, as vias arborizadas e os jardins frontais das estações ferroviárias constituíam-se na manifestação mais vivaz e típica de uma época” (Dodi, 1946:35).

É certo que este tratamento paisagístico não tinha a intenção de melhorar o espaço da cidade com vistas ao turismo; mas não há como negar que esse tratamento estético exerceu - e exerce - influência de atração sobre qualquer pessoa que tenha um mínimo de sensibilidade.

Neste cenário de preocupação estético-higiênico-ambiental é oportuno resgatar Haussmann (1809-1891) e a reforma urbanística empreendida em Paris durante o 2º império (1851 a 1870).

Paris passou a ser modelo para o mundo de um urbanismo orgânico, determinando a fisionomia da cidade moderna, e influenciando transformações em outras, como Roma, Viena, Florença, Barcelona, e estendendo-se até Belo Horizonte, no Brasil.

A vegetação assume, a partir de Haussmann em Paris, papel importante no cotidiano das cidades.

Com a experiência de Paris se assiste, pela primeira vez na Europa, a uma ação sistemática na construção dos espaços verdes para a cidade moderna; se concretiza a idéia da cidade verde. Paris define e experimenta em larga escala o primeiro programa orgânico de construção do verde urbano, onde boulevards, squares, parques urbanos e periurbanos constituem a tipologia corrente. (Roditi, 1994:25).

Se as cidades européias conseguiram - e conseguem - conciliar o parco *verde* com as transformações e o crescimento da *urbe*, atraindo milhões de turistas a se encantarem, entre construções centenárias e jardins bem talhados, o que dizer em termos de Brasil?

Embora não tenhamos arquitetura tão marcante quanto a européia, possuímos uma flora rica e única em todo o globo, aliado ao fato de nosso inverno não ter o rigor de outras paragens.

Estes dois argumentos bastariam, por si só, a mostrar que deveríamos ter em nossas cidades um paisagismo ímpar, a fazer uso da luxuriante vegetação a nosso dispor.

Ora, se de um lado as condições climáticas e o grande número de espécies vegetais nos permitem imaginar realidade similar, por outro nos deparamos com a falta de tradição ou cultura nesta área e, como dificuldade operacional, com raras exceções - Curitiba, Belo Horizonte, Goiânia -, escassez, ou quase inexistência, de recursos financeiro e humano.

A cidade tropical deveria ostentar em seus espaços públicos abertos o elemento vegetal a compor verdadeiras obras de arte, essência do que temos de melhor a oferecer ao turista.

Nossa exuberante vegetação aí está para ser explorada e trabalhada de forma a criarmos espaços os mais diversos nas cidades, seja compondo um jardim, uma praça, um parque ou arborizando as vias públicas.

Difícilmente haveremos de encontrar alguém que não se sinta atraído pelo *verde*, seja de que raça for, credo ou classe social. Se até aos deuses, nos diversos credos, rende-se homenagens através de flores e, em outros, idolatra-se uma espécime vegetal como sendo um...

Hautecoeur (1959) escreveu que “os jardins são feitos para os homens, mas também para os deuses.”

A complementar Hautecoeur temos em Roditi (1994:72) que “é certamente nas criações mais ambiciosas que os significados metafísicos e ontológicos estão melhor afirmados, mas estes estão presentes também em espaços exíguos, tais como os jardins de meditação oriental, os jardins das capelas na zona rural,..., nos confrontos dos quais se professa um culto em muitos jardins.”

De uma forma prática, como poderíamos tirar proveito da vegetação em benefício do turismo em nosso país?

De imediato, é preciso considerar, conforme dito anteriormente, a riqueza de nossa flora. Quanto a isso não há a menor dúvida de que dispomos de matéria-prima farta, acessível e até de baixo custo.

O que nos falta, efetivamente, é um planejamento em duas instâncias: o local - em nível de cidades - e o estatal.

O estado deveria levantar, catalogar e estudar potenciais pontos turísticos e, em um segundo momento, assessorar as prefeituras na elaboração de projetos de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento do turismo local.

A prefeitura, de posse de dados e assessoria, e em parceria com a iniciativa privada, implantaria a infraestrutura.

Assim teríamos como que uma rede de pontos turístico dentro de um estado, dispostos de forma racional e organizada, interligados por corredores - estradas -, aos quais chamaremos de *corredores turísticos*.

A partir deste ponto, entra o paisagismo enquanto elemento catalisador, a harmonizar o construído com o ambiente natural. Este trabalho deveria envolver a zona urbana como um todo e, se necessário, a rural, de acordo com a localização do objeto motivo de atração.

Qualquer que fosse a cidade a compor a malha turística, mister seria a existência de um paisagismo pautado pelo profissionalismo, e não pela prática aleatória de se plantar qualquer coisa em qualquer lugar, motivada pela simples razão de se plantar algo.

É importante que haja um planejamento paisagístico sobre toda a cidade, levantando espaços a serem trabalhados, de tal forma a se buscar uma integração harmônica entre as diversas áreas. Hoje ocorre justamente o contrário: não há uma integração e harmonização entre as diversas unidades *verdes* de uma cidade, seja um parque, uma praça, ou mesmo a arborização de vias. É como se cada um desses espaços estivessem isolados, não formando um todo junto às demais áreas verdes.

O interessante é que este princípio da interligação/integração/harmonização há muito existe, porém sempre esquecido.

É dessa forma que para Dodi (1946:78)

O conceito de conexão é de suma importância, posto que determina diretamente a configuração da cidade moderna. Anéis viários como os existentes em Viena, Colônia, Berlim, Ancara, Moscou, Milano, e mesmo o existente na zona arqueológica de Roma, dão lugar a esquemas racionais de distribuição do vegetal em toda sua extensão, de forma a conservar a máxima continuidade do verde, e a favorecer as pessoas.

É sabido que manter o paisagismo nas cidades não é tarefa das mais fáceis, sobretudo pela necessidade de recursos financeiros. Mas não há de ser por essa razão que uma cidade deixará de ser esteticamente viável. O primeiro ponto a se considerar é o de implantar um viveiro ligado à prefeitura. Os recursos para esse empreendimento podem ser buscados junto aos governos estadual e federal, assim como em empresas.

Supondo-se que o problema da produção esteja resolvido, vem então o segundo dilema: a mão-de-obra para implantação e manutenção das áreas verdes. Podemos pensar, como já ocorre em várias cidades, em se aproveitar as crianças que

perambulam pelas ruas. Implemente-se uma escola informal voltada para a questão ambiental - jardinocultura, paisagismo, educação ambiental,... -, dê-se treinamento básico a essas crianças e, com uma única ação, estará se atendendo parte da problemática social que é a criança de rua e na rua, e certamente a cidade em questão terá um paisagismo segundado por princípios técnicos, fazendo uso de uma mão-de-obra treinada e capaz.

Quer parecer, em princípio, que grande parte do problema está encaminhada.

Na etapa subsequente, teríamos a elaboração do projeto e sua implantação. Essa fase, pautada pela criatividade e sensibilidade do projetista, é determinante na busca de um paisagismo que se destaque.

Em nosso país, quando se fala em criatividade voltada ao paisagismo, o que se observa, regra geral, é a mesmice de sempre: ausência da própria, desconhecimento das necessidades edafo-climáticas da planta, repetição das formas e a pobreza da vegetação.

Nesse contexto não há como tornar uma cidade atrativa; não há quem suporte passear por uma praça ou por um parque sem se enfadonhar.

Supondo que todas as cidades formadoras da malha turística dentro de um estado tenham trabalhado adequadamente seu paisagismo, então se pode pensar nos corredores turísticos. Estes deveriam ser vistos como continuidade da cidade no tocante às áreas verdes. Nesse contexto, os mesmos seriam contemplados com um projeto de paisagismo rodoviário, em que toda extensão da rodovia, entendendo aqui as áreas de escape e canteiro central, receberia tratamento paisagístico. Poderia se pensar ainda em áreas de descanso ou recreação, dispostas em pontos que apresentassem algum atrativo cênico dentro da paisagem.

Certamente, as nossas cidades teriam outro visual se princípios básicos, como os colocados acima, fossem seguidos. Os benefícios auferidos seriam incontáveis, a começar pela melhoria microclimática, transformação da paisagem e efeito psicológico positivo sobre a população. No outro extremo teríamos o que oferecer ao visitante/turista.

É interessante o que diz Lamas (1993:106) a respeito do *verde* nas cidades:

Do canteiro à árvore, ao jardim de bairro ou ao grande parque urbano, as estruturas verdes constituem também elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas: são elementos de composição e do desenho urbano, servem para organizar, definir e conter espaços. Certamente que a estrutura verde não tem a mesma 'dureza' ou permanência que as partes

edificadas das cidades. Mas situa-se ao mesmo nível da hierarquia morfológica e visual. Uma rua sem as suas árvores mudaria completamente de forma e de imagem; um jardim ou um parque sem a sua vegetação transformar-se-ia apenas num terreiro...

Castelos a oferecer aos turistas, não temos! Museus a contar histórias milenares, idem! Obras de arte que *rasgaram* o tempo, a dizer de culturas até já extintas, essas também não as temos! No entanto, uma coisa é fato: se podemos viver sem castelos ou ruínas centenárias, a verdade é que sem o *verde*, não! Aqueles contam a história de um tempo; este, dá vida ao presente para que se possa ter o que historiar amanhã.

Referências bibliográficas

- Arroyo, L. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- Calcagno, A.M. *Architettura del paesaggio - evoluzione storica*. Bologna: Calderini, 1983.
- Dodi, L. *Elementi di urbanistica*. Milano: Editrice Politecnica, 1946.
- Fidio, M. *Architettura del paesaggio*. 3.ed. Milano: Pirola, 1990.
- Hautecoeur, L. *Les jardins des Dieux et des hommes*. Paris: [s.n.], 1959.
- Lamas, J.M.R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.
- Laurie, M. *Introducción a la arquitectura del paisaje*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.
- Lemos, I.G. (org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Roditi, G. *Verde in Città - un approccio geografico al tema dei parchi e dei giardini urbani*. Milano: Guerini Studio, 1994.
- Segawa, H. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1996.
- Yázigi, E. Vandalismo, turismo e paisagem no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA E PLANEJAMENTO DO TURISMO, São Paulo, 1995. *Resumos...* São Paulo: DG/FFLCH/USP, 1995.

Received on September 29, 1998.

Accepted on November 16, 1998.